

Priscila Sales Geraldo

**O RACISMO NA SOCIEDADE E INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A  
PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL NAS ESCOLAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Lilian Cristina Bernardo Gomes

Belo Horizonte

2016

Priscila Sales Geraldo

**O RACISMO NA SOCIEDADE E INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A  
PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL NAS ESCOLAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Lilian Cristina Bernardo Gomes

Aprovado em 09 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Lilian Cristina Bernardo Gomes – Faculdade de Educação da UFMG

---

Natalino Neves da Silva – Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho à minha filha Manuela Sales Rodrigues que acompanhou toda a trajetória da mamãe, desde o ventre, e teve que aprender a dividir a minha atenção de mãe com a tela do computador durante várias noites, após uma dupla jornada de trabalho, finais de semana, feriados e férias.

Agradeço a Deus pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada. Agradeço à professora Lilian Gomes pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Agradeço à minha amiga Keli Nobre que disponibilizou seu precioso tempo para me ajudar na conclusão deste trabalho. Agradeço também ao meu lindo esposo Thales, que de forma especial e carinhosa me deu forças e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades e olhando nossa filha, quero agradecer também de forma grata e grandiosa a minha mãe, minha tia Sara, minha prima Amanda, minha amiga Max que cuidaram carinhosamente da Manu enquanto eu me dedicava aos estudos.

## RESUMO

Este trabalho pretende identificar a discriminação racial entre alunos/as de duas escolas públicas, sendo uma na rede municipal de Contagem e a outra na rede municipal de Belo Horizonte, e dissertar sobre uma intervenção pedagógica contrária a esta prática.

Neste trabalho, vou me ater às intervenções propostas pelo Curso de Especialização em Políticas para a Promoção da Igualdade Racial nas Escolas/EPPIR. Das diversas práticas que aprendi no Curso, eu usarei a que considere mais significativa, baseada no documentário “Vista a minha pele”.

Assim, o presente trabalho propõe diagnosticar o contexto do racismo nas escolas e apresentar uma intervenção em sala de aula para a mudança das naturalizações de cunho étnico-racial. O trabalho se divide em três partes. No primeiro capítulo: “O Racismo na Sociedade Brasileira”, aponto dados quantitativos que demonstram que a sociedade brasileira é permeada pela desigualdade racial. No segundo capítulo: “O Racismo na Escola” mostro como o racismo está presente nas escolas e apresento uma intervenção pedagógica, por mim desenvolvida, para trabalhar a temática racial em sala de aula. Por último, apresento as considerações finais a partir da reflexão da prática pedagógica pensada e realizada por mim em sala de aula e os dados quantitativos acerca da desigualdade racial no Brasil.

**Palavras-chave: racismo, práticas pedagógicas, intervenções pedagógicas**

## **ABSTRACT**

This work intends to identify racial discrimination among students from two public schools, one from the Municipal Educational System of Contagem and the other one from the Municipal Educational System of Belo Horizonte, and discuss the pedagogical intervention against such practice.

In this work, I am going to focus on the interventions proposed by the Specialization Course in Policies to Promote Racial Equality at School – EPPIR. From the several practices I have learned in this Course, I am going to use the one I considered the most significant, based in the documentary “Vista a minha pele” (Wear my skin).

Therefore, this work aims to diagnose the context of racism in schools and present an intervention in the classroom in order to change the ethnic-racial naturalizations. This work is divided in three parts. In the first chapter: “Racism in Brazilian Society”, I point out the quantitative data showing that Brazilian society is permeated by racial inequality. In the second chapter: “Racism at School” I show how racism is present in schools and I present a pedagogical intervention, which I developed myself, to work the racial topic in the classroom. Finally, I present my final considerations about the reflection on the pedagogical praxis I have thought and performed in the classroom and the quantitative data on the racial inequality in Brazil.

**Key words: racism, pedagogical praxis, pedagogical interventions**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Pátio da EMIAM.....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 2 - Corredor De Acesso às salas de aula da EMIAM.....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 3 - Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento.....</b>	<b>25</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 - Qual é a sua cor e raça?.....</b>	<b>29</b>
<b>Gráfico 2 - Você gosta da sua cor/raça?.....</b>	<b>30</b>
<b>Gráfico 3 - Você gosta do seu cabelo natural?.....</b>	<b>31</b>
<b>Gráfico 4 - O que você achou do filme?.....</b>	<b>31</b>
<b>Gráfico 5 - Você já ouviu falar em racismo?.....</b>	<b>32</b>
<b>Gráfico 6 - Existe racismo no Brasil?.....</b>	<b>33</b>
<b>Gráfico 7 - Você já foi, ou conhece alguém que foi vítima de racismo?.....</b>	<b>33</b>
<b>Gráfico 8 - Qual é a sua cor/raça?.....</b>	<b>34</b>
<b>Gráfico 9 - Você gosta da sua cor/raça?.....</b>	<b>35</b>
<b>Gráfico 10 - Você gosta do seu cabelo natural?.....</b>	<b>36</b>
<b>Gráfico 11 - O que você achou do filme?.....</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 12 - Você já ouviu falar em racismo?.....</b>	<b>38</b>
<b>Gráfico 13 - Existe racismo no Brasil?.....</b>	<b>38</b>
<b>Gráfico 14 - Você já foi, ou conhece alguém que foi vítima de racismo?.....</b>	<b>40</b>



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1: O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 O RACISMO E OS JOVENS NEGROS.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 O RACISMO E A MULHER NEGRA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO.....</b>	<b>16</b>
<b>1.4 IDENTIDADE E IDENTIDADE NEGRA.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 2: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.1 E. M. IGNÁCIO DE ANDRADE MELO – EMIAM (Belo Horizonte) .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.2 E. M. ALBERTINA ALVES DO NASCIMENTO (Contagem) .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISES GRÁFICAS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 E. M. ALBERTINA ALVES DO NASCIMENTO.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 E. M. IGNÁCIO DE ANDRADE MELO.....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A diversidade étnico-racial no Brasil é grande, o que promove uma vasta diversidade cultural, mas ao mesmo tempo possibilita a discriminação racial conforme indicado por Gomes, (2005). Neste sentido faz-se necessário mudar este quadro e promover a valorização das diferenças através da educação. A sociedade brasileira é permeada pelo mito da democracia racial (MUNANGA1994, p. 177-178 apud GOMES, 2005), que diz que não há preconceito racial no Brasil, portanto não há discriminação. Esta temática será aprofundada no decorrer deste trabalho que pretende identificar a discriminação racial entre alunos/as de duas escolas públicas, sendo uma na rede municipal de Contagem e a outra na rede municipal de Belo Horizonte, e dissertar sobre uma intervenção pedagógica contrária a esta prática.

Momentos de discriminações raciais são perceptíveis, constantemente, no cotidiano. É a mídia que expõe, na maioria das vezes, artistas brancos, de olhos claros e louros. As revistas de moda expõem o padrão da ideologia branca naturalizando um modelo hegemônico de beleza e padrão estético. Segundo Feres Júnior (2006):

No Brasil há uma estética dominante do ser branco. Apesar do prosaico elogio da sensualidade da mulata, a mídia brasileira – novelas, comerciais, programas televisivos, propaganda, imprensa, entre outros – glorifica a beleza branca. Xuxa e suas paquitas louras, Eliana e Angélica são só um exemplo triste de um passado recente que ainda nos assombra. Não-brancos só aparecem, na ficção ou no jornalismo, em papéis sociais estereotipados como criminosos, bufões ou indivíduos hipersexualizados. (FERES JÚNIOR, 2006, p. 172).

Portanto, os moldes de beleza apresentados às crianças desde a infância são de pessoas de pele branca e cabelos louros. Ao observarmos as equipes médicas das clínicas e hospitais, as salas de aula em universidades, novelas, filmes, propagandas e manequins das vitrines dos shoppings que são claros: “A essa imagética de glorificação do branco vem se somar evidências da linguagem comum, por exemplo, impropérios como tizil, neguinho, asfalto, homem de outra cor, crioulo, tição, cabelo ruim, etc.” (FERES JÚNIOR, 2006, p. 172).

Mais especificamente, no contexto escolar, é uma colega que não quer fazer dupla com a colega negra, é uma aluna que diz que o cabelo da aluna negra é feio e duro, é um estudante que chama o outro de macaco para tentar ofendê-lo.

Diante do exposto, é necessário que a escola contribua para educar desde cedo as crianças para o respeito a diversidade. Um dos espaços propícios para realizar um trabalho para

promoção da igualdade racial na escola é a biblioteca, pois através da literatura é possível tocar as crianças para valorizar a diversidade.

A criança não se identifica como negra porque as imagens transmitidas sobre o negro na sociedade são de forma negativa, mas a partir do momento que o sujeito vê o negro em situações de grande prestígio social, a sua autoestima eleva.

É necessário desmistificar o mito da democracia racial. Sobre isso cabe ressaltar a necessidade da execução da Lei 10639/03 que diz sobre o trabalho com a valorização da cultura e história africana e afro-brasileira, com potencial para promover a igualdade racial na escola e o respeito à diferença, o que poderá elevar a autoestima das crianças e adolescentes negros.

Esta Lei visa colocar em prática o tratado proposto pela ONU em 21 de dezembro de 1965, assinado pelo Brasil, que versa sobre a “Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial”. Para a Convenção, a discriminação racial significa toda distinção, exclusão, restrição ou preferência que tenha por objetivo ou resultado prejudicar ou anular o exercício, em igualdade de condições dos Direitos Humanos ou liberdades fundamentais. Sobre isso cabe destacar que a Convenção prevê em seu artigo IV a possibilidade de discriminação positiva, também conhecida como ações afirmativas. As ações afirmativas constituem medidas especiais e temporárias que, buscando remediar um passado discriminatório, objetivam acelerar um processo de igualdade, com o alcance da igualdade substantiva por parte de grupos socialmente vulneráveis.

Durante minha trajetória de trabalho, em sala de aula, sempre busquei desenvolver ações afirmativas que buscassem acabar com a discriminação racial devido a minha percepção de que os/as alunos/as praticam constantemente a discriminação racial. Em uma de minhas aulas, presenciei uma aluna de oito anos que se recusou a fazer trabalho em dupla com uma colega, porque a aluna era negra. Posteriormente, a estudante negra reclamou que a colega a chamou de cabelo duro e que ela era feia. Depois, uma aluna negra chamou o colega, também negro, de “menininho da África”. Diante destas situações fiquei paralisada, sem saber como intervir de maneira significativa e não simplesmente superficial, já que este preconceito racial pode ser ensinado pelas famílias e/ou nas relações sociais.

Como mudar este pensamento de maneira satisfatória? Como docente já realizei várias práticas pedagógicas para a promoção da igualdade racial no decorrer dos seis anos que tenho de magistério, mas gostaria de citar um projeto que desenvolvi durante todo o ano letivo de 2012, pois cada turma da Escola Municipal Henfil - Educação Infantil, representava um continente e a turma na qual eu lecionava era a África. Então, trabalhei com livros literários que permeavam a temática da valorização racial. Os livros eram lidos diariamente, sorteados entre

as crianças, cada uma levava um para casa e confeccionava o personagem principal. Eu dei um corpo de boneco de TNT preto preenchido de tecido e o estudante enfeitou este boneco, colocando cabelo, olhos, boca, nariz, roupa conforme as características do personagem principal da história. Depois perguntei às crianças o que elas já aprenderam e o que elas desejavam conhecer sobre o continente africano. Posteriormente, pedi para os educandos pesquisarem sobre o que a turma desejava aprender. Esta pesquisa foi feita em casa e acompanhada pela família para promover a participação e conscientização racial de todos, depois foi compartilhada com os colegas. Após esta pesquisa assistimos ao filme Kiriku para compreender como são os hábitos de vida de uma tribo africana. Propus construirmos um dos pontos turísticos da África. Fizemos pesquisas sobre a fauna e flora, como vivem as crianças africanas. Ao final do ano, durante a feira de cultura, foi exposto todos os personagens criados ao lado dos respectivos livros. Neste evento também aconteceu um salão de beleza afro, a decoração do salão era com imagens de pessoas negras famosas e com vários penteados. Também foi realizado uma peça teatral sobre o livro: O casamento da princesa, de Celso Sisto, que é um “Conto popular da África Ocidental”.

Neste trabalho, vou me ater às intervenções propostas pelo Curso de Especialização em Políticas para a Promoção da Igualdade Racial nas Escolas/EPPIR. Das diversas técnicas que aprendi no Curso, eu usarei a que considere mais significativa. Iniciei a intervenção (agosto/2015 a fevereiro/2016) com o documentário “Vista a minha pele”. Trabalhei com dois públicos diferentes. No primeiro turno sou professora de Português, Matemática, História e Artes de uma turma do segundo ano do segundo ciclo (faixa etária: dez anos), já na parte da tarde leciono Português, Matemática, Geo-história e Ensino Religioso para uma turma do segundo ano do primeiro ciclo (faixa etária: sete anos) que acompanho deste o ano passado. Portanto, vou analisar algumas práticas pedagógicas que eu fiz para a valorização da identidade racial da criança negra e fazer um paralelo entre as duas turmas.

Assim, o presente trabalho propõe diagnosticar o contexto do racismo nas escolas e apresentar uma intervenção em sala de aula para a mudança das naturalizações de cunho étnico-racial. O trabalho se divide em três partes. No primeiro capítulo: “O Racismo na Sociedade Brasileira”, aponto dados quantitativos que demonstram que a sociedade brasileira é permeada pela desigualdade racial. No segundo capítulo: “O Racismo na Escola” mostro como o racismo está presente nas escolas e apresento uma intervenção pedagógica, por mim desenvolvida, para trabalhar a temática racial em sala de aula. Por último, apresento algumas considerações a partir da reflexão da prática pedagógica pensada e realizada por mim em sala de aula e os dados quantitativos acerca da desigualdade racial no Brasil.

## **CAPÍTULO 1: O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Este capítulo irá abordar como o racismo se faz presente na sociedade brasileira. No item 1.1 “O racismo e os jovens negros” são apresentados dados de pesquisas que comprovam que os jovens negros são as maiores vítimas de racismo no Brasil. O item 1.2 “O racismo e a mulher negra” aponta que no Brasil existe racismo, pois as pesquisas confirmam que a mulher negra, comparada a mulher branca, sofre preconceito racial. Já no item 1.3 “A ideologia do branqueamento” vem explicar porque as pessoas negras não se identificam como negras por causa do pensamento histórico, social e cultural de que o branco é superior e, por fim, o item 1.4 “Identidade e Identidade negra” mostra como é formada a identidade negra por meio de um processo familiar e social.

### **1.1 O RACISMO E OS JOVENS NEGROS**

Os jovens são as maiores vítimas de homicídios no país, porém quando se trata de jovens negros este número aumenta. Dados da ONU apontam que:

[...] o Nordeste é a região com maior distância entre a taxa de homicídios de jovens negros e brancos. Em 2012, foram assassinados 87 jovens negros para cada grupo de 100 mil jovens negros na região, ante 17,4 jovens brancos para cada grupo de 100 mil jovens brancos. Em outras palavras, o risco de um jovem negro nordestino ser assassinado era quase quatro vezes maior que um jovem branco nordestino. (ONU, 2015, s/n)

Historicamente, os negros foram libertos da escravidão, mas não houve políticas públicas de inserção dos mesmos no mercado de trabalho. Sobre isso cabe observar que segundo a historiadora Ana Lúcia Duarte Lanna, inicialmente, houve uma discussão em torno do processo de abolição e a incorporação dos ex-escravos ao mundo das relações de trabalho, que culminou com a Lei de 1871. Esta previa educar os negros para incorporá-la ao mercado livre, porém ela não foi colocada em prática, o que vigorou foi a Lei Áurea de 1888 que previa a libertação de todos os escravos, mas sem qualquer iniciativa de mantê-los ou incorporá-los ao mercado de trabalho (LANNA, 1986).

Em pesquisa sobre a evolução das condições de vida na década de 90, Gomes (2007) diz que “independente dos patamares de pobreza observados na década, os negros

correspondem a cerca de 63% da população pobre em todo o período” (HENRIQUES, 2000, p. 10 Apud GOMES, 2007).

Estrangeiros foram trazidos para o Brasil para substituir a mão de obra escrava em algumas regiões do Brasil. Além disso, o governo criou a Lei de Terras (1850) em que só quem tinha dinheiro poderia adquiri-las. Com este histórico, restou ao povo negro condições de vida globalmente precárias. Estes sofrem preconceitos até os dias de hoje, de forma explícita e também velada. Os jovens negros têm menos oportunidades no mercado de trabalho, a qualidade da educação básica pública é precária, os livros didáticos e as práticas presentes em sala de aula são preconceituosas e discriminatórias, o povo negro apresenta dificuldades de acesso às universidades, enfrentam o crescimento do narcotráfico e da violência urbana. Segundo dados do IPEA (2013):

Considerando apenas o universo dos indivíduos que sofreram morte violenta no país entre 1996 e 2010, constatou-se que, para além das características socioeconômicas – como escolaridade, gênero, idade e estado civil –, a cor da pele da vítima, quando preta ou parda, faz aumentar a probabilidade do mesmo ter sofrido homicídio em cerca de oito pontos percentuais. (IPEA, 2013, s/n).

As pesquisas apontam para a triste realidade jovem negro no Brasil. Segundo os dados encontrados no texto “A Cor da Cultura - Saberes e Fazeres - Modos de Ver (2006), no ano 2000, dados levantados por Gláucio Soares e Doriam Borges, a taxa de homicídio de homens negros, solteiros, entre 20 e 24 anos era de 137,8 por 100 mil. Nesta mesma pesquisa, baseando-se nos dados do SIM/Datasus, foi verificado que:

[...] no triênio 1998-2000, do total de óbitos registrados no Brasil na faixa entre os 15 e os 25 anos, entre os brancos, 78,7% foram provocados por causas externas, sendo que, do total de óbitos registrados, 38,1% ocorreram motivados por homicídios (67,7% por armas de fogo) e 21,2% foram derivados de acidentes de transporte. Entre os negros, na mesma faixa etária, do total de óbitos registrados, 82,2% haviam sido provocados por causas externas, sendo que, do total de eventos fatais registrados, 51,1% foram causados por homicídios (73% por armas de fogo) e 11,1% por acidentes de transporte. (PAIXÃO, 2006, p. 30).

Na Região Metropolitana de São Paulo, em 1998, a taxa de desemprego dos jovens negros entre 18 e 24 anos eram de 29,3%, já entre os jovens brancos, esta taxa diminuiu para 23,7%. Nesta mesma região, mesmo ano e mesma faixa etária, levantou-se os dados daqueles que somente estudavam. Entre os negros eram de 37,5% e entre os brancos eram de 47%. Quase 10% de diferença.

O Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social (Ibiss), em 2002 calculou que 12.527 crianças entre 8 e 18 anos trabalhavam para o tráfico de drogas em 231 favelas do Rio de Janeiro.

A sociedade brasileira que combina sistema educacional precário, desemprego, falta de perspectivas de vida digna no futuro, tráfico de drogas e armas, predomínio de gangues armadas, confinamento nos morros, favelas e periferias, torna os jovens negros as principais vítimas da violência urbana. O cenário de violência jovem acaba produzindo um aumento da criminalização da população jovem, especialmente a negra.

## **1.2 O RACISMO E A MULHER NEGRA**

Dentre os alunos/as em sala de aula muitas são meninas negras que sofrem com uma dupla subalternização a de raça e de gênero. Por isso nos parece necessário contextualizar as discriminações que interseccionam gênero e raça no Brasil. O gênero feminino enfrenta diversos tipos de discriminação no país, porém quando se trata de mulheres negras este número aumenta. Este grupo enfrenta a violência doméstica, a violência sexual, a dupla jornada de trabalho, o machismo, a falta de oportunidades em cargos de chefia no mercado de trabalho, o baixo acesso e permanência à educação básica e superior, à falta de oportunidades à saúde, ao lazer, à uma creche para os filhos estudarem enquanto ela trabalha. A mulher negra é duplamente discriminada por ser do sexo feminino e negra, isto sem mencionar se esta for pobre e homossexual.

As pesquisas corroboram para a triste realidade do mito da democracia racial e para o aumento da discriminação racial e por gênero. Segundo os dados encontrados no texto “A Cor da Cultura - Saberes e Fazeres - Modos de Ver (2006)”, a discriminação agrava sobre as mulheres negras.

Segundo Marcelo Paixão (2006), baseando-se no Atlas do Desenvolvimento Humano (2000), as taxas de fecundidade entre as mulheres negras continuam maiores do que a das mulheres brancas, como mostra os dados a seguir:

Ao longo da década de 1990, continuou ocorrendo uma nítida redução na taxa de fecundidade das mulheres brasileiras. Assim, a taxa de fecundidade passou de 2,88 filhos por mulher, em 1991, para 2,37 filhos por mulher, em 2000. Nesse mesmo intervalo de tempo, entre as mulheres brancas, a taxa de fecundidade passou de 2,42 filhos por mulher para 2,05 filhos por mulher. Já entre as mulheres negras, esse indicador passou de 3,42 para 2,77 filhos por mulher. (PAIXÃO, 2006, p. 26-27)

O uso de anestésias em gestantes durante os partos normais apresenta uma vasta diferença entre raça/cor das mães. As gestantes brancas que não receberam anestesia foram de

5,5%, já entre as gestantes negras esse percentual foi de 11,1%. Conforme Marcelo Paixão (2010):

[...] pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, realizada nos hospitais públicos e privados da cidade do Rio, com 10 mil mulheres, imediatamente após o parto, entre os meses de julho de 1999 e março de 2001, mostrou que o percentual de gestantes brancas que não receberam anestesia no parto normal foi de 5,5%. Entre as gestantes negras esse percentual foi de 11,1%. (PAIXÃO, 2006, p. 27)

No ano de 1999, uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) mostrou que das jovens brancas que já haviam iniciado sua vida sexual, 42% faziam uso de preservativos, já as jovens negras, nessa mesma situação, o percentual era de 28%.

Com relação aos métodos contraceptivos, segundo dados da Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS), de 1996, as mulheres entre 15 e 49 anos, brancas, que não utilizavam métodos anticoncepcionais eram de 26,3%, já entre as mulheres negras este número crescia a 33,5%. Mas quando se tratava da laqueadura, os números se invertiam, e não permitiam à mulher negra um melhor controle sobre o momento mais adequado para virem a engravidar. Segundo Marcelo Paixão (2006):

[...] o método para se evitar filhos que as negras usavam com frequência maior que as brancas era justamente a forma mais drástica: a laqueadura. Assim, em 1996, das mulheres que adotavam algum método de contracepção, 54,5% das negras entre 15 e 49 anos já haviam sido esterilizadas, frente a 43,3% das brancas da mesma faixa etária, na mesma situação. (PAIXÃO, 2006, p. 29)

Portanto, é necessário que se faça políticas públicas em prol das mulheres negras brasileiras. É preciso apoio para que as mulheres fortaleçam os movimentos de mulheres negras brasileiras, que aprofundem a questão da desigualdade racial e da luta antirracismo no debate acadêmico. Com isso, as mulheres negras brasileiras passam a se mobilizar, organizarem-se em torno de questões que lhes dizem respeito e a conhecerem e exigirem seus direitos.

### **1.3 A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO**

Segundo as autoras Abramowicz e Gomes (2010) e de acordo com uma pesquisa sobre a temática racial, realizada pela Fundação Carlos Chagas, as crianças negras foram historicamente excluídas da história, porém, surge o nascimento da infância branca.



A escola é apresentada nas pesquisas como conservadora e excludente ao basear-se em um currículo “embranquecido” que retrata uma concepção homogênea e europeia, desprezando outras experiências e saberes. Os alunos/as negros não se sentem contemplados de maneira positiva. A equipe pedagógica silencia-se quando diz respeito às questões raciais e transmite concepções e valores que estão arraigados no imaginário social no que tange as relações sociais estabelecidas entre o branco e o negro.

O livro didático pode gerar uma baixa autoestima nas crianças negras, se nestes forem retratados estereótipos relacionados ao povo negro desempenhando papéis de inferioridade durante o período da escravidão.

Segundo as intelectuais Abramowicz e Gomes (2010) os alunos/as negros/as enfrentam dificuldades para permanecerem na escola, por isso estão entre a maioria que evade e repete o ano do ciclo. O sucesso do/a aluno/a negro/a é menor do que o do/a aluno/a branco/a, porque o rendimento escolar da criança negra acaba sendo influenciado por fatores intraescolares.

A mídia atua na veiculação de imagens, ideais estéticos que acabam exaltando os brancos e inferiorizando os negros. Segundo Gomes (2002):

[...] os elementos descritivos do corpo, o cabelo, a cor da pele, o nariz, a boca, a presença da vagina ou do pênis, quando são significados pela cultura, se tornam marcas de raça, gênero, etnia, classe e nacionalidade. As marcas são distintivas e constitutivas do poder, isto é, definem o lugar social dos sujeitos. A mídia atua na veiculação destes elementos através de imagens, ideias e ideais estéticos que acabam exaltando os brancos e inferiorizando os negros. (GOMES, 2002 apud SILVÉRIO E SOUSA, 2010, p. 116).

A criança negra não encontra na escola modelos de estética que valorizem a cor de sua pele de forma positiva. O preconceito e a discriminação são muito presentes na escola. Diante disso, as crianças negras precisam “branquear-se” para obter o sucesso escolar. Segundo Silva (2000):

[...] a ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores tidos como bons e perfeitos. (SILVA, 2000, p. 16 Apud ABRAMOWICZ, OLIVEIRA E RODRIGUES, 2010, p. 86))

Para curar a ferida do racismo, segundo Jurandir Freire Costa (1982):

Primeiro tenta-se metamorfosear o corpo presente [...] São os “prendedores de roupa” destinados a afilar o nariz ou os produtos químicos usados para alisar o “cabelo ruim”. Em seguida, vem as tentativas de aniquilar, no futuro, o corpo rebelde à mutação, no presente. São as uniões sexuais com o branco e a procriação do filho mulato. O filho mulato e o neto talvez branco. (COSTA, 1982, p. 7).

Estas atitudes representam de acordo com Costa (1982), a ideologia do branqueamento que leva o sujeito negro a querer destruir os sinais de cor do seu corpo e da sua geração e assim suprimir a sua identidade negra. O autor define esta situação como “estado de alienação”, pois o sujeito para de pensar autonomamente conferindo a um outro o direito de definir sua identidade. O pensamento do sujeito negro “perde a cor” e a identidade negras para ganhar a “alma branca”. O negro, no desejo de embranquecer deseja a própria extinção, o massacre de sua identidade original e histórica. Nesse sentido, Costa (1982) afirma:

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (COSTA, 1982, p. 5).

A concepção tradicionalista que definia o negro econômico, político e socialmente inferior e submisso, fez o negro tomar o branco como modelo de identidade. Esta definição inferiorizante do negro perdurou mesmo depois da escravidão. E, como na sociedade escravocrata, o cidadão respeitável era o branco, o negro, com a disposição de ser gente, teve que se assemelhar ao branco, ainda que tendo que deixar de ser negro.

Portanto, a escola deve combater o preconceito e o racismo, e deve se constituir em um espaço de discussão, reflexão e reconhecimento das diversas raças que formam o povo brasileiro e que as práticas racistas não sejam ocultadas com o discurso da democracia racial, que não diferencia os diversos grupos raciais em função da miscigenação.

As diferenças entre brancos e negros perpassam os anos de escolarização, a renda, o acesso ao nível superior. SILVÉRIO E SOUSA (2010) mostram em sua pesquisa indicadores sobre desigualdades entre negros e brancos que desmascaram o mito da democracia racial. Uma das conclusões da pesquisa é que a maioria da população negra é pobre e fica majoritariamente retida no ensino fundamental. “Segundo a linha de pobreza extrema, estão em situação de miséria aqueles cuja renda familiar *per capita* não ultrapassa os R\$ 70”. (IPEA, 2011). Uma pesquisa feita pelo IPEA em 2011 conclui que, em Pernambuco, 1,37 milhão de pessoas são extremamente pobres e que aproximadamente 70% dos miseráveis no estado são pardos ou negros.

Assim como a escola discrimina, ela também é um espaço que possibilita a socialização do negro na afirmação e na construção de sua identidade negra positiva.

A Lei 10.639/03, surge com o objetivo de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, considerando as origens do povo brasileiro. Ela torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. A Lei 10.639/03 diz em sua íntegra:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos: 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.  
(BRASIL, 2003)

As cotas raciais<sup>1</sup> e a Lei 10639/2003, trabalham na garantia da valorização da raça negra. As representações negativas sobre o negro podem ser alteradas no processo educacional, no currículo, materiais pedagógicos e, principalmente, nos sujeitos.

Para mudar a situação do racismo na sociedade, segundo GOMES (2012) e com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais, as práticas pedagógicas dependem de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para as aprendizagens da reeducação das relações entre negros e brancos.

É preciso desenvolver projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos. Valorizar e respeitar as pessoas negras, a sua descendência africana, sua cultura e sua história.

Faz-se necessário questionar as atitudes preconceituosas que desqualificam os negros, palavras e atitudes veladas ou explícitas que expressam sentimentos de hierarquia e desigualdade. É necessário valorizar os processos históricos de resistência negra desde os africanos escravizados até as resistências dos dias atuais, visto que, os negros não aceitaram e não aceitam a condição de subalternos. A escola precisa combater todas as formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto que tende a menosprezar o povo negro.

---

<sup>1</sup> As cotas raciais são um sistema proposto através do modelo de ação afirmativa existente em alguns países para diminuir as desigualdades raciais de acordo com a etnia de determinados grupos. (NEGROS NO BRASIL, 2016)

A comunidade escolar precisa criar condições para que os estudantes negros sejam encorajados a prosseguir os estudos, mas vale lembrar que esta é uma ação conjunta: “entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola”. (GOMES, 2012, p. 30).

As práticas políticas e pedagógicas voltadas para a promoção da igualdade racial visam atingir negros e brancos, pois oferecem aos negros conhecimentos e segurança para se orgulharem da sua origem africana. E possibilita aos brancos perceberem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de viver.

As práticas pedagógicas devem ser fundamentadas em fontes que contenham personagens negros e de outros grupos étnico-raciais, que valorizem a oralidade, a corporeidade, a arte, a escrita e a leitura africana.

#### **1.4 IDENTIDADE E IDENTIDADE NEGRA**

Ainda não é possível ter uma definição satisfatória sobre o que identidade, pois o termo envolve vários aspectos como os adjetivos pessoais, sociais, étnico, negro, de gênero, juvenil, profissional.

De acordo com Munanga (1994):

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, (1994, p. 177-178 Apud GOMES, 2005)

A formação da identidade negra, geralmente, inicia-se na família e vai se construindo a partir das outras relações, entre elas no contexto escolar. Segundo Gomes (2005):

[...] a identidade negra forma-se gradativamente num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. (GOMES, 2005, p. 43).

Com relação ao processo de formação da identidade negra, Gomes (2005) cita o cientista social Jacques d'Adesky (2001) que destaca que:

[...] a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra. (D'ADESKY, (2001, p. 76 Apud GOMES, 2005)).

A identidade negra é um processo de construção sociohistórico e cultural em que o indivíduo se reconhece como pertencente a este grupo étnico/racial. “Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (GOMES, 2005, p. 42). Nos próximos capítulos indicarei de que modo a escola pode ser um ambiente de construção e valorização da identidade através de atividades desenvolvidas pelos professores. Apresentarei uma forma de intervenção adotada em minhas aulas, indicarei os resultados e analisarei os horizontes para a mudança dos patamares de desigualdade de cunho étnico-racial bem como os desafios a serem enfrentados no futuro das ações em sala de aula.

## **CAPÍTULO 2: INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Este capítulo abordará as minhas experiências nas duas Escolas nas quais trabalho: Escola Municipal Ignácio Andrade de Melo e Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento. O Capítulo se dividirá em duas partes. Na primeira, contextualizarei o ambiente escolar e a localização das duas Escolas onde trabalho. Na segunda explicarei a metodologia usada na intervenção.

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS**

Sou professora efetiva da rede pública de ensino nos municípios de Belo Horizonte e Contagem. No período da manhã leciono Português, Matemática e História, para uma turma do segundo ano do segundo ciclo/5º ano, do ensino fundamental, com a faixa etária de dez anos de idade, na Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo – EMIAM que fica em Belo Horizonte, onde trabalho desde outubro de 2013. No período vespertino trabalho com uma turma do segundo ano do primeiro ciclo, do ensino fundamental, com a faixa etária de sete anos de idade, sou a professora referência e leciono as disciplinas: Português, Matemática, Geo-história e Ensino Religioso, na Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento que fica em Contagem, desde junho de 2013.

As diferenças de idades entre as duas turmas que leciono são de três anos, mas já é perceptível como a discriminação racial aumenta com o passar dos anos. O racismo é construído socialmente. Como diz Mandela (1995): “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar” (MANDELA, 1995, s/p). Observei que as crianças do segundo ano são menos preconceituosas, não presenciei situações de preconceito racial entre elas. Já com os alunos/as pré-adolescentes a situação é diferente, já presenciei várias situações de discriminação racial com o intuito de ofender o colega. Além da idade, também tem a questão do perfil da comunidade em que a escola está inserida, pois a EMIAM atende um público inserido em contextos de violência doméstica, tráfico de drogas e isto acaba refletindo nas atitudes racistas dentro da sala de aula.

### **2.1.1 E. M. IGNÁCIO DE ANDRADE MELO – EMIAM (Belo Horizonte)**

A Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo surgiu com o objetivo de atender aos anseios de uma comunidade, em sua maioria carente, formada por grupos familiares advindos de lugares os mais diversos, dentre eles o norte de Minas Gerais, ou de extintas vilas de Belo Horizonte. Diante desse contexto surgiu a necessidade de se construir uma escola que pudesse absorver o ensino fundamental, sem que as crianças corressem riscos maiores no trajeto.

O terreno onde está construída a EMIAM era de propriedade do Sr. Ignácio de Andrade Melo e foi doado à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A Escola localiza-se na rua Violeta de Melo, 988, bairro São José. Foi inaugurada em 13 de novembro de 1988, na gestão do prefeito Sérgio Ferrara.

A Escola, tem uma estrutura precária diante da grande demanda escolar. Há anseios e expectativas de ampliação das séries ofertadas. A Escola possui 11 salas de aula para atender 11 turmas pela manhã, 11 a tarde e 6 a noite, contando com aproximadamente 850 alunos/as e 60 professores. O corpo docente possui graduação e a maioria títulos de especialização e mestrado.

A Escola não dispõe de espaço físico adequado. As crianças e adolescentes, estudantes do diurno, fazem recreio em uma pequena área, com colunas e suportes de telhado, inadequada para atender a esse público. A quadra coberta é usada para diversos fins (eventos, aulas de Educação Física e recreio) e é o único espaço destinado à Educação Física.

No início, a Escola contava com poucas turmas e não tinha mobiliário, biblioteca, livros, maquinários etc. A comunidade é essencialmente composta por trabalhadores. É pouco organizada e não tem um histórico coletivo de lutas e mobilizações. A estrutura da região foi modificada com o remanejamento dos moradores da vila para os prédios que foram construídos com recursos do Governo Federal através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), melhorando a infraestrutura e condições de vida para os moradores.

Em relação à estrutura física da Escola, no ano de 2010, a comunidade escolar da EMIAM, juntamente com os moradores do seu entorno aprovaram no orçamento participativo 2010/2011, a reforma e ampliação da escola. Mas até hoje a ampliação e reforma não foram iniciadas, segundo o Regimento Escolar (2015).

Podemos perceber, portanto, que a Escola Municipal Ignácio Andrade de Melo, situada em Belo Horizonte, está localizada em uma região periférica e apresenta um espaço físico que ainda não atende as necessidades dos educandos que são, em sua maioria, negros.

Figura 1: Pátio da EMIAM



Fonte: <http://ignacio.zip.net/images/fotodaescola.jpg>

Figura 2: Corredor De Acesso às salas de aula da EMIAM



Fonte: [http://2.bp.blogspot.com/\\_wydslel2qX0/SBxRUpdJ2aI/AAAAAAAAAJs/aFwISBz5fps/s320/DS C00168.JPG](http://2.bp.blogspot.com/_wydslel2qX0/SBxRUpdJ2aI/AAAAAAAAAJs/aFwISBz5fps/s320/DS C00168.JPG)

### **2.1.2 E. M. ALBERTINA ALVES DO NASCIMENTO (Contagem)**

A Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento nasceu de uma conquista da comunidade através do Orçamento Participativo. As obras iniciaram em 2007 em um terreno baldio que servia como campo de futebol e passagem para moradores. A Escola recebeu esse nome em homenagem à líder comunitária Dona Albertina Alves do Nascimento que lutou por conquistas na comunidade e localiza-se na Rua Cinco A, 20 - Bairro: Oitis.



Apesar da construção da Escola ter sido uma conquista da comunidade, no primeiro ano de sua inauguração, em 2009, ela sofreu depredações e invasões, mas com o tempo os moradores criaram o vínculo de pertencimento com a instituição e os ataques cessaram. Hoje a relação da Escola com a comunidade se dá de maneira harmoniosa e participativa. Consta-se uma boa participação da comunidade escolar nas festas, eventos e reuniões promovidos pela escola.

A estrutura física da Escola conta com um prédio amplo e arquitetura moderna, com dezesseis salas de aula, acesso para deficientes físicos, auditório, biblioteca com um acervo amplo e variado, ginásio poliesportivo, pátio, refeitório, laboratório de ciências, laboratório de informática, sala de artes.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola, as famílias dos estudantes da Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, em sua maioria, são trabalhadores do comércio, indústrias e fábricas locais.

Assim, percebe-se que a Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, situada em um bairro da região de Contagem, apresenta um espaço amplo que atende as necessidades das crianças, em sua maioria. E que apesar de ser uma Unidade nova, tem uma relação de identidade estabelecida com a comunidade, uma vez que a Escola foi fruto de uma conquista da mesma.

Figura 3: Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/->

[JH5q9588tTk/TgmrNT37eHI/AAAAAAAAAAQ/dGSUUkvmkfU/s760/Imagem%2B117.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-JH5q9588tTk/TgmrNT37eHI/AAAAAAAAAAQ/dGSUUkvmkfU/s760/Imagem%2B117.jpg)

## 2.2 METODOLOGIA

Sou docente há sete anos e sempre me preocupei com a temática da promoção para a igualdade racial. Foram inúmeras as intervenções que realizei, mas neste trabalho vou me ater à intervenção sobre o documentário “Vista a minha pele”. Este foi lançado no ano de 2004, sob a direção de Joel Zito Araújo e Dandara, com a duração de 25 min.

A história do documentário é invertida no que tange as relações raciais, os negros são as classes dominantes e os brancos são as classes dominadas, os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. A personagem principal é Maria, uma menina branca, pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa-de-estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. Grande parte de seus colegas a hostilizam, por sua cor e por sua condição social. Maria tem somente uma amiga na escola, o nome dela é Luana, uma menina negra, rica e que possui uma ótima formação humana e que, portanto, não julga Maria por sua cor de pele.

Em um determinado momento, Maria quer ser “Miss Festa Junina” da escola, mas isso requer um esforço enorme, que vai desde a superação do padrão de beleza imposto pela mídia, onde só o negro é valorizado, à resistência de seus pais, à aversão dos colegas e à dificuldade em vender os bilhetes para seus conhecidos, em sua maioria muito pobres. Maria tem em Luana um forte apoio. A antagonista do filme é a Sueli, uma menina negra, bonita, rica e que também deseja ser “Miss Festa Junina”. Sueli humilha Maria e a inferioriza por sua cor de pele, revelando aí um forte preconceito racial. No decorrer do filme Maria percebe que quanto mais confia em si mesma, maior é a sua capacidade de convencer os outros de que a cor da pele não é importante para se julgar uma pessoa.

Este documentário foi escolhido porque tem uma duração curta e objetiva, com uma linguagem simples, capaz de prender a atenção do público infanto-juvenil, com o qual trabalho. Além disso, os personagens principais são crianças que interagem no universo infanto-juvenil e com questões que estão dentro deste contexto, o que torna mais fácil o entendimento da questão racial trabalhada no documentário.

A minha intervenção consistiu na exibição do documentário, discussão com os (as) alunos/as acerca do mesmo e na aplicação de um questionário com perguntas fechadas e uma aberta, de cunho pessoal sobre a questão racial.

Expus o filme para as crianças, em agosto de 2015, sem intervir na interpretação de cada um. Eu queria saber o que o documentário transmitia por si só ao telespectador. Passei o filme para as duas turmas: uma do 2º ano do 1º ciclo e outra do 2º ano do 2º ciclo.

Em seguida os/as alunos/as, através de questionamentos feitos por mim, passaram a indicar suas percepções sobre o filme. Pedi aos/as alunos/as de sete anos para comentarem sobre o mesmo. Eles disseram que a menina branca queria ser negra, porque todo mundo era negro no filme. Perguntei se a discriminação racial contra Maria era legal e todos responderam que não. Percebi que os/as alunos/as não conseguiram compreender que a menina branca estava passando por uma situação que o povo negro vive cotidianamente, como o próprio nome do documentário diz, a menina branca vestindo a pele de uma garota negra.

Deduzi que a turma do quinto ano iria perceber o significado do nome do documentário: “Vista a minha pele”. Porém, a interpretação foi bem semelhante aos/as alunos/as do primeiro ano. Eles ficaram com pena da Maria e com raiva da Sueli e não perceberam que a menina branca estava passando pelo que os negros enfrentam diante de uma sociedade preconceituosa.

Pedi aos/as alunos/as de ambas as Escolas para comentarem o documentário. Em geral, eles disseram que a aluna Maria sofria discriminação, ficaram contra as atitudes da Sueli e torceram para a vitória da garota branca.

Abaixo vou citar algumas falas mais recorrentes dos/as meus/minhas alunos/as do 5º ano, da EMIAM (Belo Horizonte):

“A pessoa não deve discriminar alguém por ele ser negro ou branco. Devemos olhar por dentro e não por fora. Devemos lutar para conseguirmos o que queremos, igual Maria fez”.

“Bullying é crime”.

“Não podemos julgar as pessoas pela aparência, porque a menina branca não tinha quase nenhuma amiga por causa da sua cor. Maria queria vencer a Miss Festa Junina. Depois percebeu que não precisava vencer o concurso, mas queria uma escola de pessoas brancas e com a superação de todos os preconceitos”.

“Tem muito preconceito da Sueli que é africana, contra a Maria que é branca. A Sueli tinha que ser presa”.

“Maria morava na África. Não importa se é negro ou branco, tem que ter respeito com todos igualmente”

Percebi que as crianças nomeiam o racismo de modo genérico como Bullying. Outra aluna disse que a Sueli deveria ser presa. Os estudantes pensam que os negros vivem, em sua maioria, na África.

Após os comentários entreguei aos/as alunos/as um questionário com as seguintes perguntas: Qual é a sua cor/raça? Você gosta da sua cor/raça? Você gosta do seu cabelo natural? O que você achou do filme? Você já ouviu falar em racismo? Existe racismo no Brasil? Você já foi, ou conhece alguém que foi vítima de racismo? O que podemos fazer para acabar com o racismo na escola? Apresentarei as respostas por escolas e tabuladas em gráficos.

As respostas destes questionários, assim como, as análises das mesmas estão desenvolvidas no terceiro capítulo.

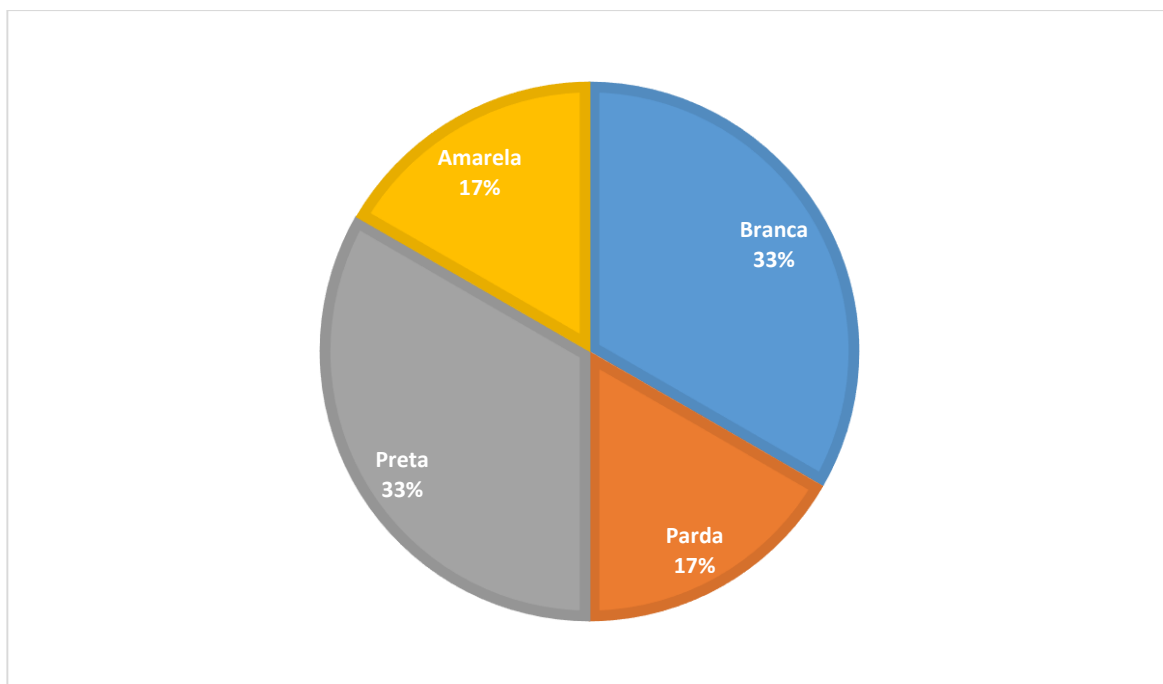
### CAPÍTULO 3: ANÁLISES GRÁFICAS

Neste capítulo abordarei como foi a minha experiência em lidar com diferentes faixas etárias e ciclos no que se refere às questões étnico-raciais. Na segunda parte falarei das características e diferenças entre as duas Escolas em que a intervenção foi feita. E, finalmente, na última parte, apresentarei os resultados e farei um paralelo entre as duas Escolas.

#### 3.1 E. M. ALBERTINA ALVES DO NASCIMENTO

O questionário foi feito com uma amostra de seis crianças da turma do 2º ano/1º ciclo.

Gráfico 1: Qual é a sua cor e raça?



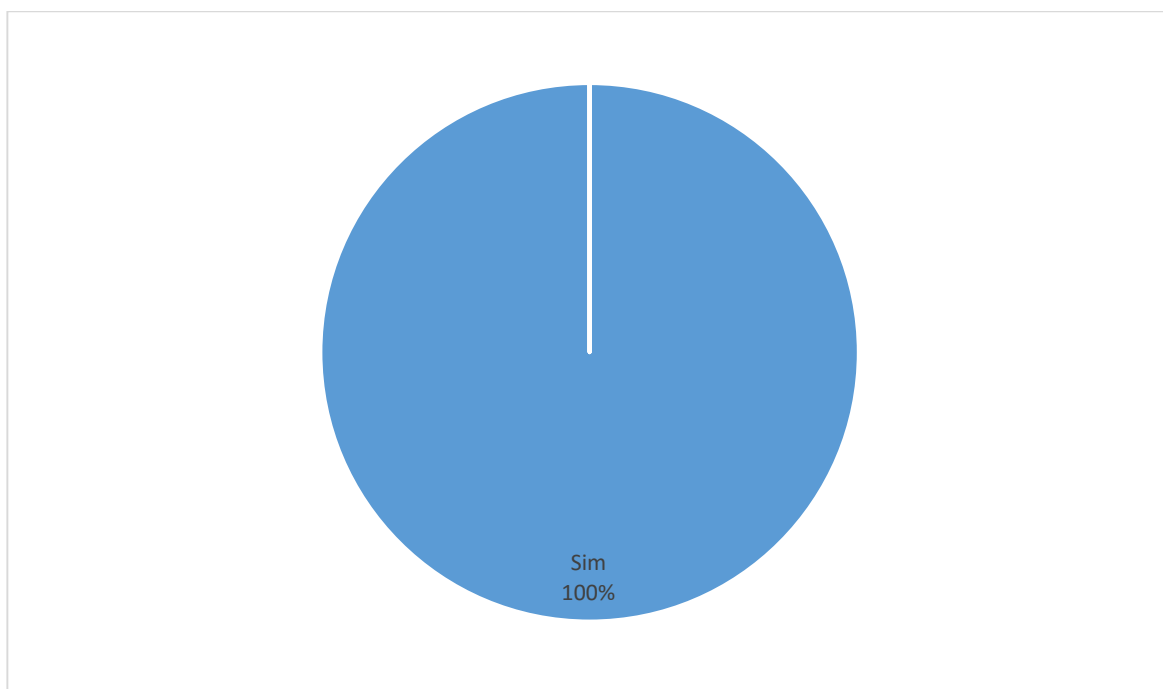
Elaboração própria.

Portanto, percebe-se que as crianças, em sua maioria, se reconhecem como são. Elas se assumem enquanto pertencentes a uma cor. As crianças que se declararam brancas, considero-as pela observação do fenótipo enquanto pardas. Mas por que elas se consideram brancas? Diante do que foi exposto até aqui, nessa monografia, compreendemos que isto ocorre por causa

da ideologia do branqueamento que faz com que a sociedade queira parecer com o colonizador. A criança que se declarou amarela, acredito que queria ter marcado parda, mas por desconhecimento da palavra não a marcou.

Não houve declarantes que se consideram pertencentes à cor vermelha.

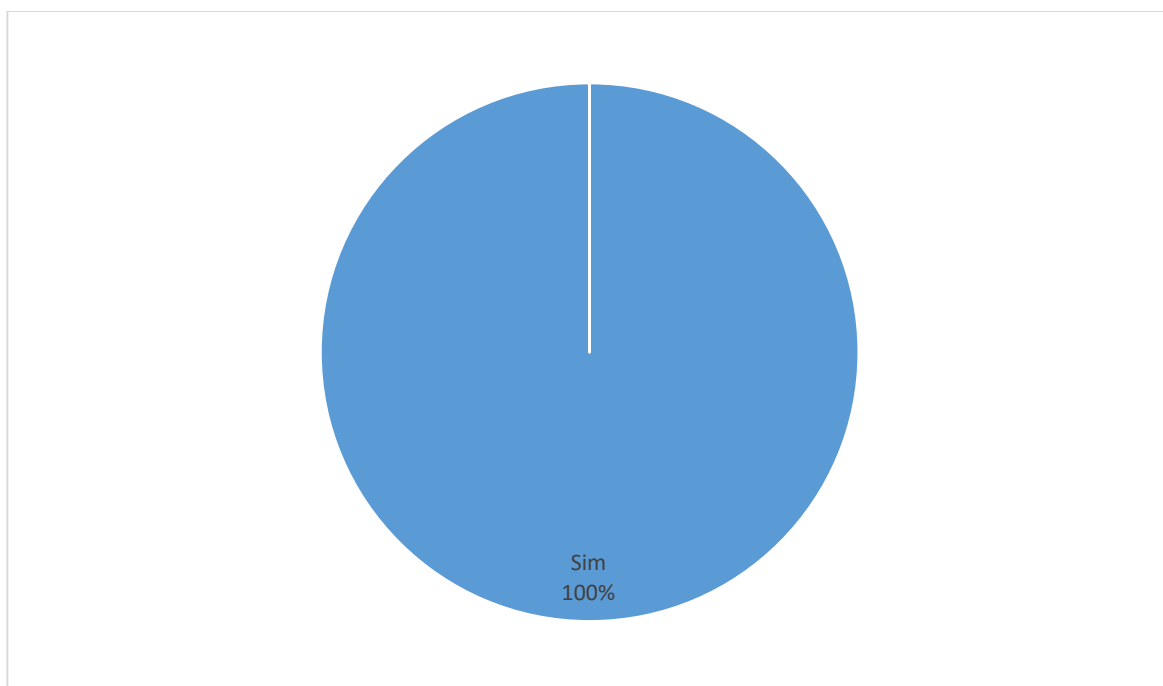
Gráfico 2: Você gosta da sua cor/raça?



Elaboração própria.

Todas as crianças, ou seja, 100% declararam que gostam da sua cor/raça.

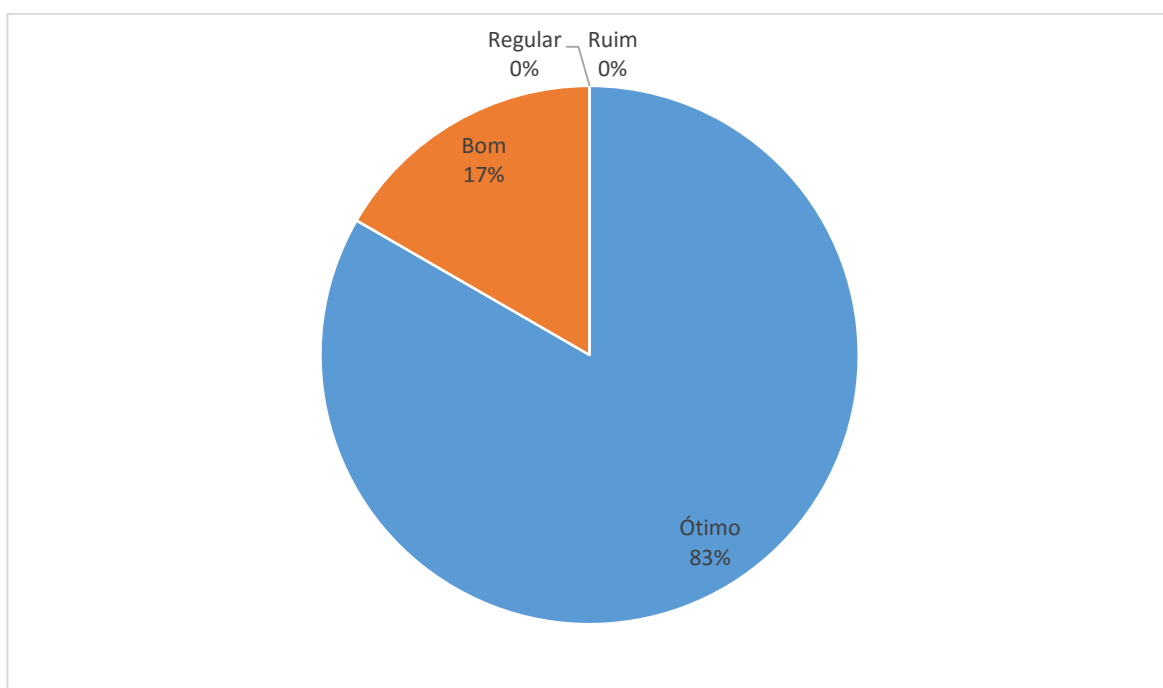
Gráfico 3: Você gosta do seu cabelo natural?



Elaboração própria.

Os estudantes do segundo ano gostam e valorizam as suas cores/raças e os seus cabelos, pois 100% das crianças disseram gostar do seu cabelo natural.

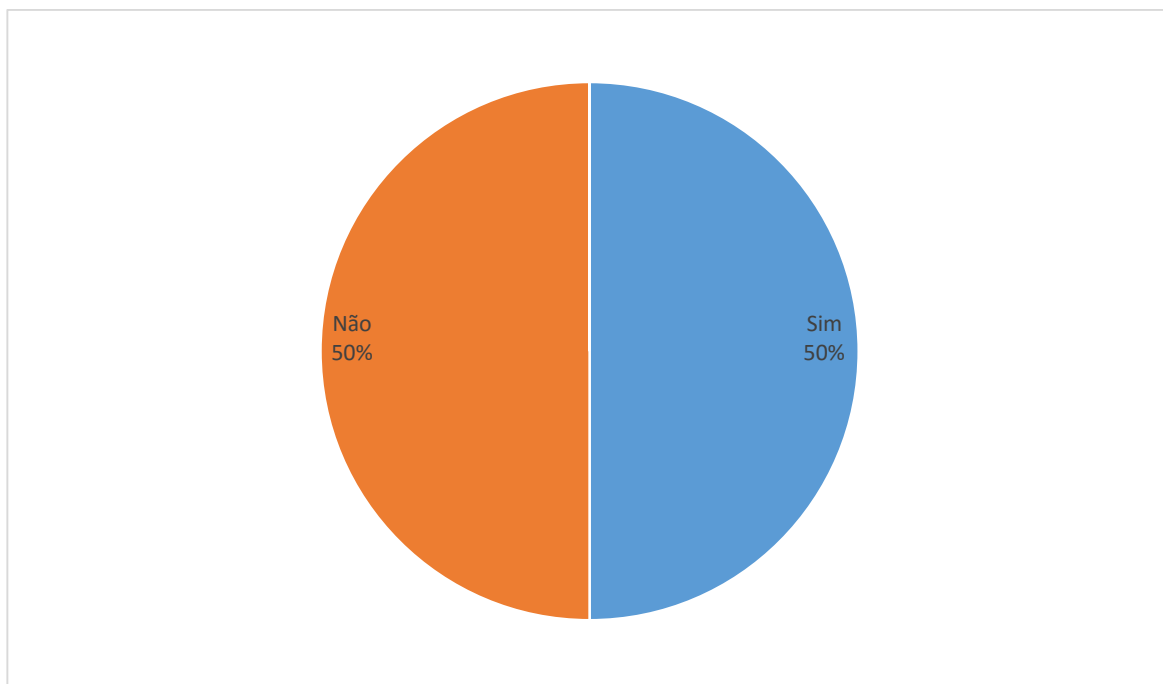
Gráfico 4: O que você achou do filme?



Elaboração própria.

A maioria das crianças gostaram do documentário “Vista a minha pele”. 83% dos estudantes avaliaram o filme como ótimo, e 17% consideraram o filme bom. Não houve declarantes dos conceitos ruins ou regular.

Gráfico 5: Você já ouviu falar em racismo?

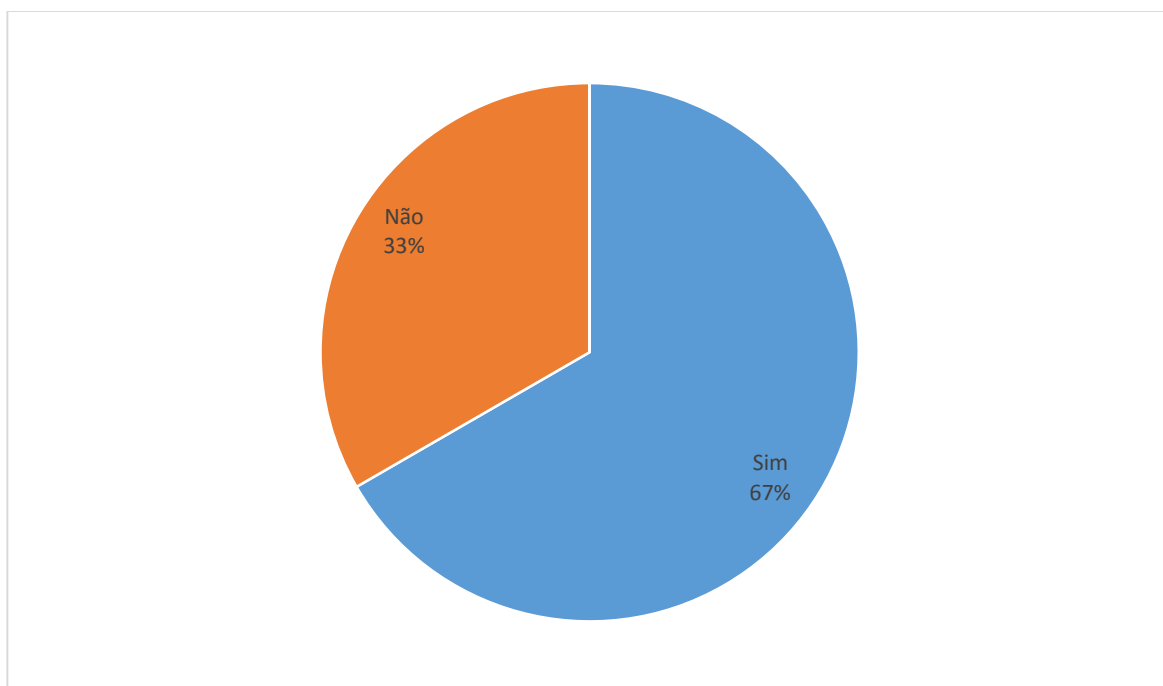


Elaboração própria.

A metade das crianças declararam já ter ouvido falar em racismo. Desta metade 33% declararam ser da cor preta. Ou seja, as crianças que tem a cor preta conhecem o significado da palavra racismo. Isto porque os negros sofrem com racismo explícito ou velado.



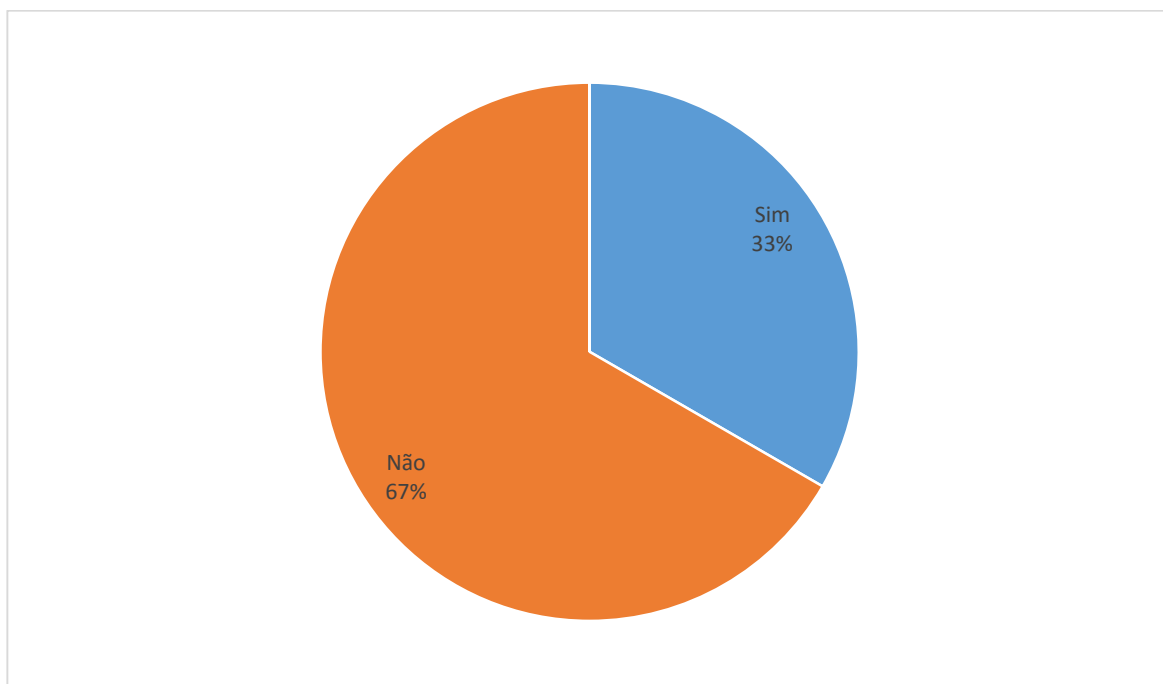
Gráfico 6: Existe racismo no Brasil?



Elaboração própria.

A maioria dos entrevistados (67%) declararam que existe racismo no Brasil.

Gráfico 7: Você já foi, ou conhece alguém que foi vítima de racismo?



Elaboração própria.

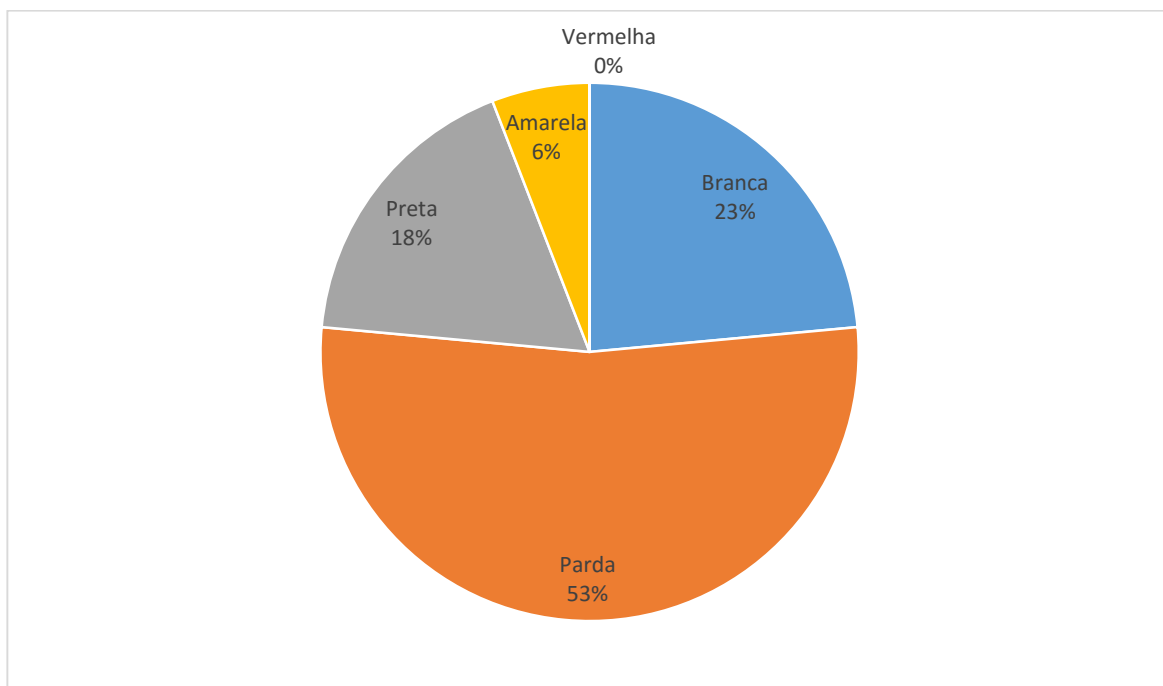
A maioria dos entrevistados (67%) disseram não ter sido e nem conhecido alguém que foram vítimas de racismo. Por fim perguntei o que podemos fazer para acabarmos com o racismo na escola? E as respostas foram: “Falar com a professora, com o diretor, com a mãe e com o pai, conversar, não brigar”; “Conversar com ele e falar assim: “Você não pode brigar só por causa que ela é preta e você é branca”; “Pedir desculpas e adorar a cor e as pessoas do jeito que elas são”.

Percebe-se que os/as alunos/as sentem confiança e segurança nos professores e diretor da escola, no pai e na mãe para contar os seus anseios e angústias. Por isso, a escola tem que ser um lugar de transformação, pois forma sujeitos para a vida toda.

### 3.2 E. M. IGNÁCIO DE ANDRADE MELO

O questionário foi feito com uma amostra de dezessete crianças, na faixa etária de 10 anos, da turma do 2º ano/2º ciclo (5º ano do ensino fundamental).

Gráfico 8: Qual é a sua cor/raça?

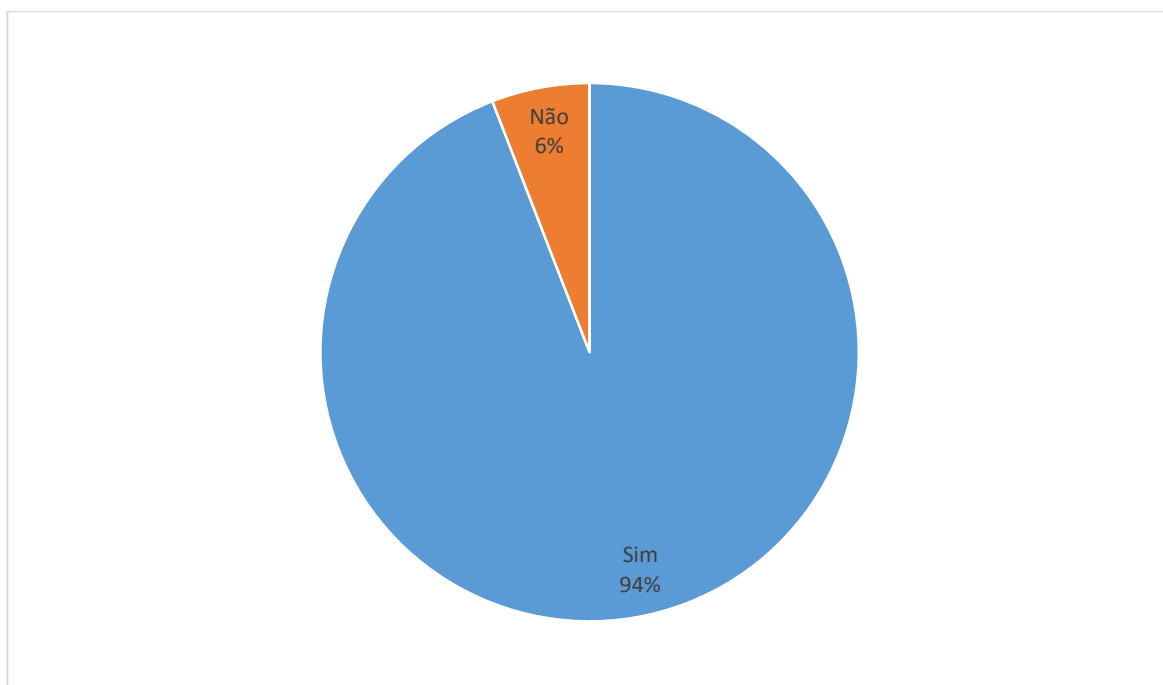


Elaboração própria.

Nesta turma 71% dos/as alunos/as declararam-se negros. Porém, os estudantes não sabiam que, segundo o IBGE, os pardos e pretos são negros. Destes 71% que se declararam negros, apenas 18% eram pretos. Dos 24% que se classificaram como brancos, na minha observação, eles seriam, em sua maioria, caracterizados como pardos, mas em virtude da ideologia do branqueamento, que foi explicada no capítulo anterior, as pessoas desejam se parecer com o branco que historicamente ocupou um lugar de superioridade na sociedade brasileira.

Não houve declarantes que pertencessem à cor vermelha.

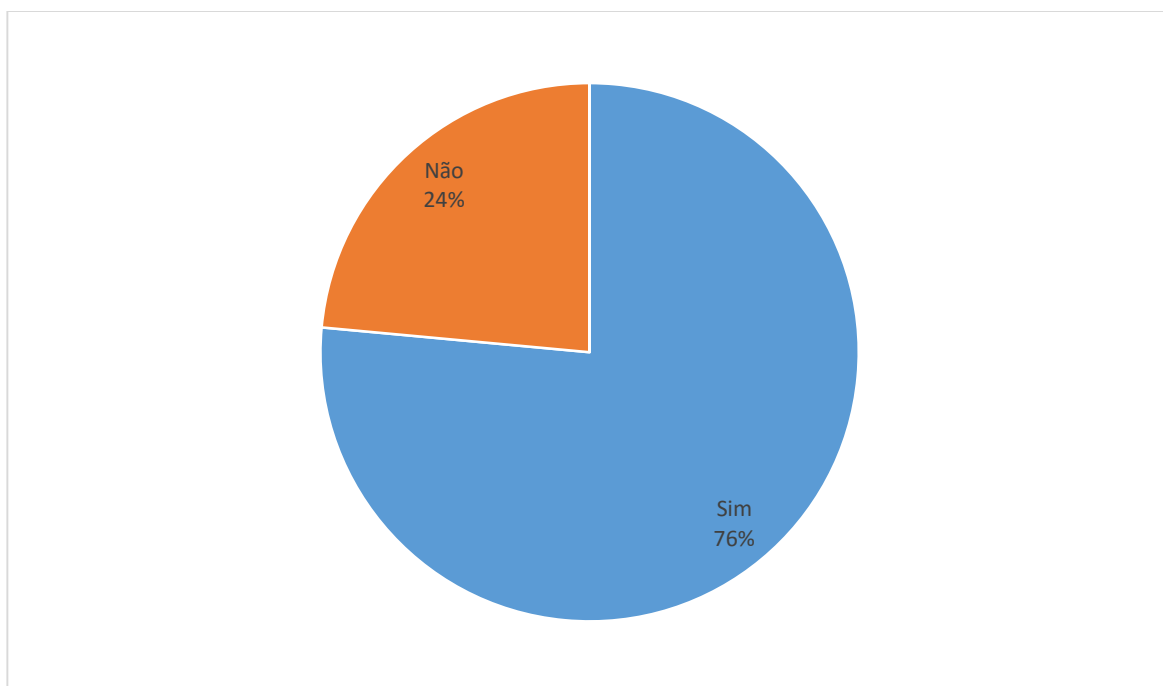
Gráfico 9: Você gosta da sua cor/raça?



Elaboração própria.

Apenas uma aluna declarou não gostar da sua cor, o que equivale a 6% dos/as alunos/as entrevistados. Ela se considera da cor amarela. Os/As demais alunos/as declararam gostar da sua cor/raça.

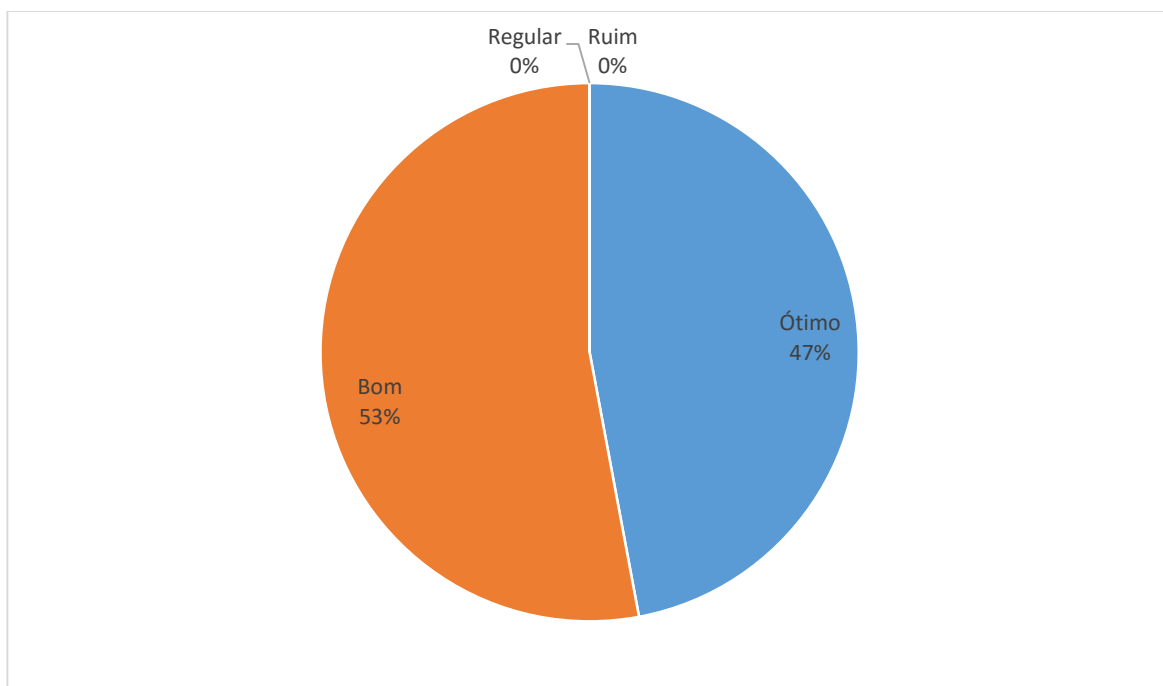
Gráfico 10: Você gosta do seu cabelo natural?



Elaboração própria.

Observa-se que 76% dos estudantes declararam gostar do seu cabelo natural. Todos que se declararam pretos gostam do seu cabelo, 24% não gostam do seu cabelo natural, destes um discente é branco, outro da cor amarela e dois são pardos. Esta estatística mostra que a sociedade está mudando. Atualmente, os negros estão valorizando mais a sua estética, assumindo o cabelo natural.

Gráfico 11: O que você achou do filme?

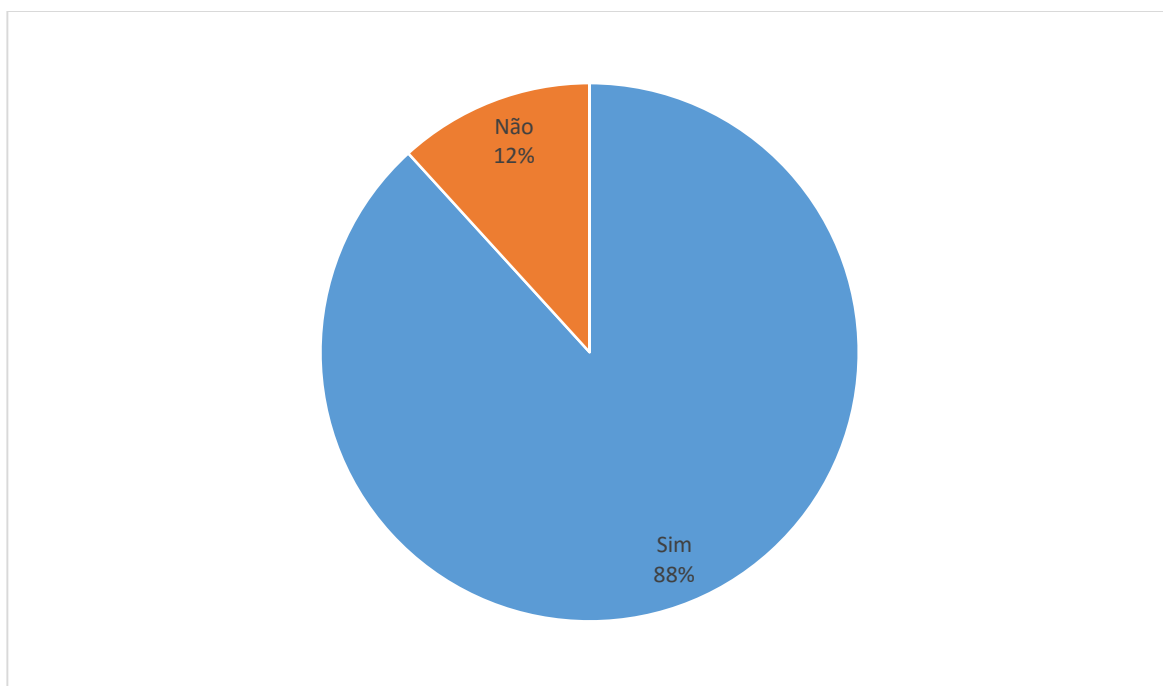


Elaboração própria.

A maioria das crianças gostaram do filme “Vista a minha pele” (53%). O final, segundo relatos de alguns/mas alunos/as, deixou a desejar, pois eles queriam saber o resultado da votação.

Nenhum/a aluno/a achou o filme ruim ou regular.

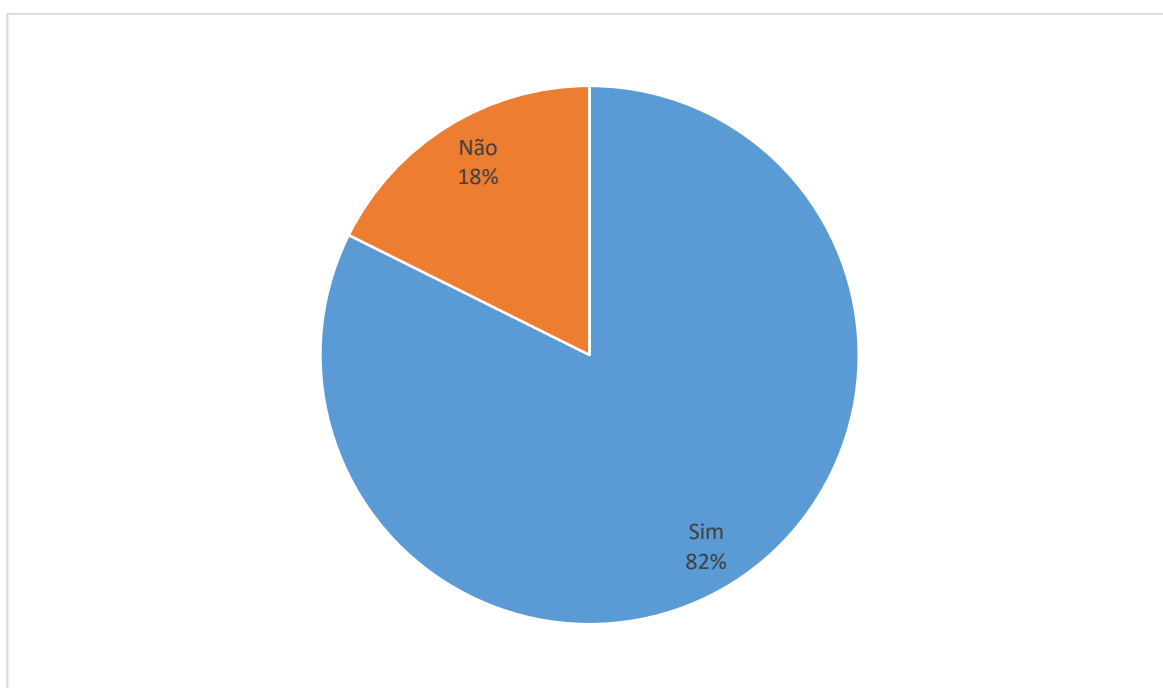
Gráfico 12: Você já ouviu falar em racismo?



Elaboração própria.

Dentre os/as dezessete alunos/as entrevistados/as 88% declararam já ter ouvido falar sobre racismo. Apenas 12% nunca ouviu falar. Destes, um considera-se preto e o outro pardo.

Gráfico 13: Existe racismo no Brasil?



Elaboração própria.

Percebe-se, portanto, que 82% dos/as alunos/as disseram haver racismo no Brasil e apenas 18% diz não existir racismo no Brasil. Isto comprova que a democracia racial é um mito. O mito é uma narrativa construída com a intenção de falsear uma dada realidade, ele tem a capacidade de:

(...) escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história e transformá-la em 'natureza'. Instrumento formal da ideologia um mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. Enquanto produto econômico, político-ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação (SOUZA, 1983, p. 25).

Portanto, o mito da democracia racial, é um pensamento ideológico que nega o racismo no Brasil e reforça as discriminações e desigualdades raciais, pois julga que há oportunidades e tratamento iguais para ambos os grupos raciais.

Segundo Neusa Santos Souza, as principais figuras representativas do mito negro são: o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico (SOUZA, 1986). Cada um destes mitos carregam a ideologia do branqueamento.

A associação do negro ao macaco busca inferiorizar o negro comparando-o a um animal irracional, identifica o negro como despossuído de valores, de civilidade, de humanidade, desconsiderando-o como sujeito que tem e faz história.

Em virtude do período abolicionista, em que os escravos forma libertos sem a ajuda de nenhuma política pública, o negro é associado à miséria.

É a autoridade da estética branca quem define o belo, as tomadas de decisões são ocupadas por brancos. Quem é diferente deste padrão é considerado o feio.

A linguagem gestual, oral e escrita também é permeada pelo mito negro que relaciona o negro ao que é tenebroso, horrível, maldito, inimigo, odioso. O dicionário Michaelis<sup>2</sup> define negro como:

1 Que recebe a luz e não a reflete; preto. 2 Escuro. 3 Sombrio. 4 Denegrado, requeimado do tempo, do sol. 5 Lutuofo; fúnebre. 6 Que causa sombra; que traz escuridão. 7 Tenebrofo, caliginoso. 8 Tempestuoso. 9 Tétrico, horrível, lúgubre. 10 Que pertence à raça ou ramo negro. 11 Ameaçador, medonho. 12 Condenado, maldito. 13 Que anuncia infortúnios; funesto, nefasto. 14 Horrendo, pavoroso. 15 Pervertido. 16 Adverso, inimigo. 17 Execrável, nefando, odioso. (MICHAELIS, 2015, s/n)

---

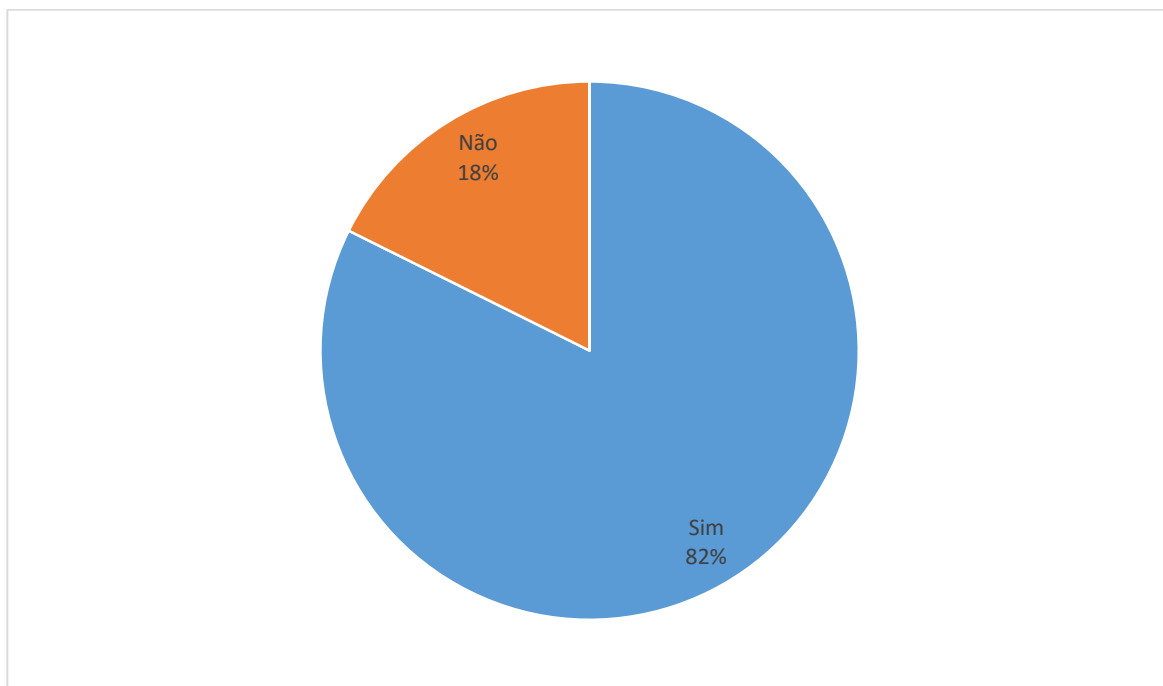
<sup>2</sup> O dicionário Michaelis é destinado à Educação Básica. O meu objetivo em utilizá-lo, ao invés de um dicionário de política ou outra área de conhecimento acadêmico, foi que eu almejava compreender o significado de negro fora dos meios acadêmicos.

Considerar o negro sensível, com resistência física e ótimo desempenho sexual, pode até parecer algo positivo, mas todas estas características estão relacionadas à “irracionalidade” e “primitivismo” do negro.

O mito da democracia racial foi difundido na década de 1930, pelo sociólogo Gilberto Freyre, através do seu livro Casa-Grande e Senzala (1933), que diz que as raças formadoras da sociedade brasileira conviviam de maneira harmoniosa.

O processo de mestiçagem no país deu-se de maneira perversa, a partir da colonização, dominação e violência. Portanto, a democracia racial é um mito e as consequências da naturalização desse mito se podem sentir no contexto da sala de aula.

Gráfico 14: Você já foi, ou conhece alguém que foi vítima de racismo?



Elaboração própria.

Dos entrevistados, 82% dos educandos declararam já ter sido ou conhecido alguém que foi vítima de racismo. Dos 18% que declararam não terem sido vítimas de racismo, um é preto e os outros dois são pardos.

Após a aplicação do questionário fiz um círculo e comecei uma discussão. Expliquei para as crianças que racismo é uma modalidade de bullying, porém para o avanço do debate das relações étnico-raciais é importante que o racismo seja nomeado como tal, até porque para o racismo existem leis específicas punindo essa ação.



Indaguei qual era a cor de cada um segundo o IBGE. Quando perguntei se alguém já havia sofrido racismo na turma, um aluno branco levantou a mão e disse que já tinha sido vítima de racismo, pois já tinha sido chamado de rosinha, leite azedo e branquelo. Então, expliquei que racismo contra branco no Brasil não existe, porque o branco sempre esteve em situação de privilégio na história brasileira. Expliquei também como é a classificação de auto declaração de cor feita pelo IBGE e que os pardos também são negros. Depois de esclarecer todas as dúvidas uma aluna, que no início da discussão disse que era branca, me chamou e disse: “Professora, eu sou negra”. É muito importante o esclarecimento do docente e discente com relação aos termos da questão racial. Acredito que a minha intervenção foi muito significativa na vida dos estudantes para a transformação para a promoção da igualdade racial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que no Brasil existe uma grande quantidade de negros e que não há igualdade de oportunidades entre brancos e negros, apesar dos recentes esforços do governo para a mudança desses patamares de desigualdade de cunho étnico-racial. Nesta pesquisa, observa-se por meio de dados quantitativos, que ainda existe uma grande desigualdade racial e, também, que há a prática do racismo e que, o mesmo está presente inclusive no universo infanto-juvenil.

Por meio da intervenção pedagógica apresentada nessa monografia, pensada e aplicada por mim, foi possível, quantitativamente e qualitativamente, perceber que no público infanto-juvenil a maior parte das crianças gostam da sua cor e do seu tipo de cabelo, porém uma minoria é afetada pela ideologia branca e ainda não valorizam a sua beleza estética. O número de crianças que não gostam do seu tipo de cabelo é maior no público da turma do 5º ano. Possivelmente, pela falta de discussão e reflexão no ambiente familiar e escolar, o que torna ainda mais importante o trabalho com a temática racial e a continuidade da aplicação de intervenções pedagógicas acerca do tema.

De acordo com as análises dos gráficos, ainda existe um grande percentual de crianças que nunca ouviram falar sobre racismo, não porque não exista racismo no Brasil, mas porque este acontece de forma velada e nem sempre é diagnosticado como discriminação racial. Mesmo sem contar com este grupo que nunca ouviu falar sobre racismo, dos que já sabem o que é racismo, mais da metade destes estudantes, das duas turmas, já sofreram ou foram vítimas de racismo.

A conclusão deste Curso de Especialização possibilitou-me ampliar a discussão acerca da temática racial. Ressalto que trabalhar com este tema dentro da escola implica enfrentar grandes desafios arraigados há muito tempo em um povo que foi e é alvo de atos de preconceito, injustiça, discriminação e até mesmo de exclusão de vários setores na sociedade. Assim, acredito que este trabalho é apenas o pontapé inicial de uma longa jornada onde se poderá trabalhar sistematicamente em todas as etapas do desenvolvimento de uma criança e do adolescente. Faz-se necessário, uma urgência de uma mudança na postura e até mesmo de ideologia de cada indivíduo para que a tão sonhada transformação ocorra de fato, e que esses novos indivíduos sejam disseminadores da igualdade entre os povos de todas as etnias e raças, e que as pessoas sejam valorizadas e reconhecidas pelo brilho de seus olhos e não pela cor de sua pele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça**: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Editora: Autêntica. Belo Horizonte, 2010.

**BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>>. Acesso em: 14/02/2016.

Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1968). Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/convDiscrimina.pdf>> Acesso em: 18/03/2016.

COSTA, Jurandir Freire. **Prefácio**. In: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora: Graal. Rio de Janeiro, 1983.

NEGROS NO BRASIL. **Cotas Raciais**. Disponível em: <<http://negros-no-brasil.info/cotas- raciais.html>> Acesso em: <26/02/2016>.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues- portugues&palavra=negro>>. Acesso em: 15/01/2015.

E. M. ALBERTINA ALVES DO NASCIMENTO. **Projeto Político Pedagógico**. 2011.

E. M. IGNÁCIO DE ANDRADE MELO. **Regimento Escolar**. 2015.

GOMES, Lilian Cristina Bernardo. **Identidade e direitos dos quilombolas no Brasil**: Contemplando um horizonte de reconhecimento e redistribuição. 2007. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/268.pdf>> Acesso em: 23/02/2016.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil**: Uma breve discussão. In: Educação Anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 2005, p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. **Visibilidade às práticas pedagógicas na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. In: As práticas pedagógicas com as relações étnicoraciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas. Brasília, 2012, p. 29-32.

IPEA. **Extremamente pobres são 1,37 milhão em Pernambuco**. 2011. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8740&catid=4&Itemid=2](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=8740&catid=4&Itemid=2)> Acesso em: 26/02/2016.

IPEA. **Pesquisa apresenta dados sobre violência contra negros**. 2013. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20607](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20607)> Acesso em: 23/02/2016.

JÚNIOR, João Feres. **Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil: para além da teoria da modernidade**. Revista Brasileira De Ciências Sociais, v. 21, Nº61.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **O café e o trabalho livre em Minas Gerais 1870/1920**. Revista Brasileira de História. São Paulo, 1986, mar./ago., v. 06, Nº 12, p. 77-88.

MANDELA, Nelson. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzM1NjIw/>> Acesso em: 12/02/2016.

ONU. **Jovens negros são as principais vítimas da violência Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-jovens-negros-sao-as-principais-vitimas-da-violencia-brasil/>> Acesso: 23/02/2016.

SABERES E FAZERES, **Modos de ver** / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, v. 01, 116p. : il. color. - (A cor da cultura).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora: Graal. Rio de Janeiro, 1983.

**ANEXO**

ESCOLA MUNICIPAL \_\_\_\_\_  
PROFESSORA PRISCILA SALES GERALDO  
\_\_\_\_ ANO/\_\_\_\_ CICLO  
DATA: \_\_\_\_/02/2016  
ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO: “VISTA MINHA PELE” (2003)**

- 1) QUAL É A SUA COR/RAÇA?  
( ) BRANCA ( ) PARDA ( ) PRETA  
( ) AMARELA ( ) VERMELHA
  
- 2) VOCÊ GOSTA DA SUA COR/RAÇA?  
( ) SIM ( ) NÃO
  
- 3) VOCÊ GOSTA DO SEU CABELO NATURAL?  
( ) SIM ( ) NÃO
  
- 4) O QUE VOCÊ ACHOU DO FILME?  
( ) ÓTIMO ( ) BOM ( ) REGULAR ( ) RUIM
  
- 5) VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM RACISMO?  
( ) SIM ( ) NÃO
  
- 6) EXISTE RACISMO NO BRASIL?  
( ) SIM ( ) NÃO
  
- 7) VOCÊ JÁ FOI, OU CONHECE ALGUÉM QUE FOI VÍTIMA DE RACISMO?  
( ) SIM ( ) NÃO
  
- 8) O QUE PODEMOS FAZER PARA ACABAR COM O RACISMO NA ESCOLA?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.